

O EXCESSO DE INTIMIDADE GERA DESPREZO

"O homem foi contar aos judeus que fora Jesus quem o tinha curado. Então os judeus passaram a perseguir Jesus, porque ele estava fazendo essas coisas no sábado". João 5:15, 16

Esta é a primeira declaração aberta de hostilidade a Jesus. O fato de João usar a expressão “*estas coisas*”, indica que a cura do paralítico no tanque de Betesda, foi a gota d’água para declarar uma perseguição ferrenha a Jesus.

E por quê? Não existe uma explicação aparente, pelo menos no contexto, do porquê o homem que fora curado foi contar para os Judeus sobre Jesus.

Particularmente, sem pretensão de fechar o assunto, me parece que faltaram duas coisas, não registradas no relato: Gratidão e humildade.

Você pode ter outra visão deste texto, mas para mim, logo após a cura (vs. 8 e 9), o homem tomou a sua maca e sequer virou-se para agradecer. Quando questionado pelos Judeus do porquê estava carregando a sua maca no sábado, ele disse: “...”*O homem que me curou me disse: Pegue a sua maca e ande’*” (v. 11). Uma resposta mais ou menos assim: “*Eu não tenho culpa. Fui mandado a fazer isso*”. E ênfase não foi dada ao milagre, mas à pretensa quebra da lei. Faltou gratidão àquele que o curou da sua penosa doença que já durava trinta e oito anos.

Mas não para por aí. Quando o ex-paralítico se encontra com Jesus no templo, pela segunda vez, ele é repreendido: “... Olhe, você está curado. Não volte a pecar, para que algo pior não lhe aconteça”. O que será que passou pela sua cabeça? Seria algo como: “*Espera aí! Você está me acusando de ser pecador? Você acha que eu fiquei nesta maca por causa de pecado? Quem é você para me acusar?*” Seria este sentimento que brotou no coração daquele homem?

Eu pergunto, pois, logo após o homem vai ao encontro dos Judeus que o haviam questionado, aponta o dedo para Jesus e diz: “*Foi aquele homem que me curou*” (v. 15).

Você pode achar que estou “viajando na maionese”. Talvez. Mas o que vem à minha mente é um encontro referencial de situações muito parecidas que vivi ao longo do ministério.

Por várias vezes tive que confrontar alguém, por conta de pecado, ou por má conduta, ou por estar sendo facioso, ou por criar contenda etc. Coisas comuns às demandas dos pastores. E a resposta (em palavras e atitudes) é completamente desproporcional à repreensão.

Parece que as pessoas se esquecem de tudo o que já fizemos por elas quando chegaram à igreja! Converteram-se em uma pregação sua, você as batizou, discipulou, aconselhou, dedicou seus filhos e talvez até fez o casamento daqueles que chegaram quando crianças! Mas aquela gratidão, que deveria ser maior do que a repreensão, simplesmente desaparece. Apontam o dedo para você. Se vitimizam e o tornam o vilão da história.

Já aconteceu algo parecido com você? Se não, é uma questão de tempo. E não é mal agouro! É vivência.

E tudo bem. Assim como aconteceu com Jesus, irá acontecer conosco. Faz parte do ônus do ministério pastoral. Particularmente, gosto de compartilhar estes pensamentos com os colegas, apenas para que não se sintam como Elias sentiu-se, após a fantástica experiência no Monte Carmelo: “*Estou só. Sendo perseguido. Ninguém se solidariza comigo. Oh vida! Oh azar! Vou deixar tudo. Seria melhor morrer?*”!

Parafraseando a resposta de Deus e contextualizando ao assunto, penso que seria mais ou menos assim: “*Larga a mão de ser besta, pastor. Se aconteceu com Jesus, você acha que não aconteceria com você? Sai dessa! Bora levantar-se e continuar! Escolha não se ferir com estas coisas!*”

Portanto, querido amigo, fique em paz. O ser humano é assim mesmo. A dinâmica da igreja gera intimidade. Faz parte!

Finalizo com um pensamento de Tomás de Aquino: “*A ninguém te mostres muito íntimo, pois familiaridade excessiva gera desprezo*”.

Deus abençoe a sua semana.

Ore comigo: *Querido Deus. Cura a minha alma de todas as feridas forjadas em meu coração pela ingratidão e falta de reconhecimento. Prepara-me para estas situações e me faz entender que elas fazem parte do processo.*